



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA
PORTUGUESA**

VLADEMIR DA SILVA HONORIO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *CIÇO DE LUZIA*, DE EFIGÊNIO
MOURA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

**MONTEIRO - PB
2024**

VLADEMIR DA SILVA HONORIO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *CIÇO DE LUZIA*, DE EFIGÊNIO
MOURA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Aymmé Silveira Santos

MONTEIRO - PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

H774v Honório, Vladimir da Silva.
Variação linguística em Ciço de Luzia, de Efigênio Moura
[manuscrito] : uma análise sociolinguística / Vladimir da Silva
Honório. - 2024.
40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Aymmé Silveira Santos,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Ciço de
Luzia. I. Título

21. ed. CDD 410

VLADMIR DA SILVA HONORIO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *CIÇO DE LUZIA*, DE EFIGÊNIO MOURA:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Aprovado em: 20/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aymmé Silveira Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rodolfo Dantas Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho ao meu filho, Théo Ricardo Feitosa da Silva, minha motivação diária; à minha companheira de vida, Vitória Bezerra Feitosa, por seu amor e dedicação; aos meus pais, Ivoneide da Silva, Almir Ricardo Honorio; ao meu irmão, Aldemir da Silva Honorio e ao meu sobrinho, João Arthur Pinheiro da Silva.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela concessão da vida, por ter me permitido trilhar caminhos nunca imaginados, por tantos propósitos alcançados, a tudo dou graças.

À minha orientadora, Prof^a. Aymmé Silveira, por sua dedicação, pelo acolhimento e por todas suas orientações, tão grande foi sua importância para que este trabalho fosse concluído.

À minha mãe, pelos seus ensinamentos, por todo amor e carinho que sempre proporcionou a mim e ao meu irmão, além de tudo, por me fazer insistir e persistir em meus objetivos. Sua preocupação e conselhos foram essenciais para que tudo se tornasse possível.

Ao meu pai, por sua amizade, por seus conselhos e incentivos que sempre deu. O orgulho e carinho que demonstra por seus filhos nos traz uma grande alegria.

Aos professores do CCHE, que dão diariamente sua grande parcela de contribuição para a sociedade, compartilhando vivências, conhecimentos e conteúdos essenciais para formação de profissionais responsáveis e capacitados para o futuro. Vocês são a base para construção de um país próspero e desenvolvido educacionalmente.

À minha companheira e minha maior amiga, Vitória Bezerra Feitosa, por sua compreensão durante os períodos de ausência e por todo amor e carinho que sempre demonstrou.

À banca examinadora, composta pelos professores, Rodolfo Dantas Silva e Noelma Cristina Ferreira dos Santos, que aceitaram participar deste momento tão importante, contribuindo com elucidações somativas à conclusão do trabalho.

Aos colegas de curso, pelos bons momentos compartilhados ao longo da graduação.

Aos meus familiares e a todos que de forma direta ou indireta, deram sua parcela de contribuição para que tudo fosse possível.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo as variações no âmbito da sociolinguística podem ser visualizadas no romance *Ciço de Luzia*, buscando classificar e descrever os diversos usos, evidenciando a diversidade linguística nordestina compartilhada pelo autor. Para isso, tomamos como objeto de estudo trechos de falas de alguns personagens da obra *Ciço de Luzia* (2013), de autoria de Efigênio Moura. A análise leva em conta aspectos de estudos acerca da Sociolinguística Variacionista, que tem como principal pesquisador o linguista William Labov (1927). O trabalho tem caráter qualitativo e exploratório, visto que serão investigados fenômenos de variação linguística, inerentes à realidade social em que vivemos. O estudo é construído com base em estudos de autores consagrados na área da variação linguística, como Bagno (1999, 2007, 2017), Beline (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Martelotta (2011), Monteiro (2000). A partir da análise, portanto, foi possível identificar nos trechos analisados, níveis linguísticos (fonético-fonológicos, semânticos, lexicais, morfológicos e sintáticos) que estão diretamente relacionados às variações extralinguísticas percebidas nas falas dos personagens: diastrática, diatópica e diacrônica. Esses resultados revelam uma associação entre os diferentes usos da língua e que simbolizam imagens do povo sertanejo nordestino, considerando que a obra, embora seja retratada em tempos passados, busca reproduzir uma realidade ainda vivida em tempos atuais.

Palavras-chave: Sociolinguística; variação; língua; *Ciço de Luzia*.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how variations within the field of sociolinguistics can be visualized in the novel 'Ciço de Luzia,' seeking to classify and describe the diverse uses, highlighting the Northeastern linguistic diversity shared by the author. To achieve this, we take excerpts of dialogue from some characters in the work 'Ciço de Luzia' (2013), authored by Efigênio Moura, as our study object. The analysis considers aspects of Variationist Sociolinguistics, with linguist William Labov (1927) being a key researcher in this field. The study is qualitative and exploratory, as it investigates linguistic variation phenomena inherent in the social reality in which we live. It is based on studies by renowned authors in the area of linguistic variation, such as Bagno (1999, 2007, 2017), Beline (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Martelotta (2011), and Monteiro (2000). Through the analysis, we were able to identify linguistic levels (phonetic-phonological, semantic, lexical, morphological, and syntactic) directly related to the extralinguistic variations perceived in the characters' speech: diatopic, diastratic, and diachronic. These results reveal an association between different language uses and symbolize images of the Northeastern rural population, considering that the work, although set in the past, aims to depict a reality still experienced in contemporary times.

Keywords: Sociolinguistics; variation; language; Ciço de Luzia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. A Sociolinguística Variacionista: conceito, características e impactos na compreensão de língua como objeto social.....	11
2.2. Variação linguística: aspectos gerais e implicações para o ensino de língua portuguesa	13
2.3. Tipos de variação extralinguística que compõem a Sociolinguística	18
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
3.1. Revisão de literatura e descrição da obra <i>Ciço de Luzia</i>.....	24
4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS VARIAÇÕES ENCONTRADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA OBRA <i>CIÇO DE LUZIA</i>.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A variação linguística tornou-se um campo fértil para estudos sobre a língua e, conseqüentemente, atrai a atenção de diversos pesquisadores e linguistas do mundo todo. A língua observada como um instrumento heterogêneo, que exerce a função de estabelecer a comunicação e o relacionamento dos diversos grupos sociais e indivíduos que neles integram, apresenta uma grande quantidade de variações ainda pouco conhecidas, dotadas de cultura e diferentes estruturas linguísticas.

Sob esse viés, abordar a variabilidade linguística é levar em conta fenômenos sociais, temporais, geográficos, a padronização da língua e os julgamentos linguísticos que surgem em detrimento desses aspectos e através dos contingentes de técnicas linguísticas e da diversidade de dialetos que se apresentam em uma mesma língua. Todos esses fatores são responsáveis por constituir as diversidades linguísticas que se encontram em cada localidade ou grupo de falantes. A variação linguística, assim, representa também um processo de construção das identidades dos indivíduos que se fazem presentes em inúmeras comunidades linguísticas, como é o caso do nosso Português Brasileiro (PB).

Os diversos costumes que cada região brasileira apresenta abrangem uma mescla de fatores históricos e sociais que se desdobraram ao longo dos séculos desde a colonização do país. O fruto da unificação de diversas culturas e a influência de diversas línguas tanto nativas quanto as trazidas com os colonizadores, deram origem ao Português Brasileiro, o qual apresenta uma grande variação linguística, que na atualidade pode ser facilmente percebida ao transitar pelas regiões do país, ou até mesmo ao assistir a conteúdos propagados pelos diversos meios de comunicação social.

Não diferente, em livros, artigos e pesquisas, podemos notar, nos dias de hoje, a inclusão das variantes da língua portuguesa brasileira, que marcam as características das linguagens regionais. As representações que demonstram o idioma em uso ou o falar popular, fogem à linguagem mais institucionalizada, que cultiva aspectos linguísticos muito mais cultos, regidos de normas e padrões, sendo restrita a uma pequena parcela da população. O rompimento com esses padrões expressa e valoriza as variedades populares da língua.

A linguagem culta presente em inúmeras obras literárias passou a dar espaço para a linguagem mais estilística, simples e cotidiana, marcando assim um período de transição e uma maior valorização da linguagem popular e regionalista, a fim de promover as diferenças sociolinguísticas e desmistificar a ideologia de um português-padrão. De certa forma, ainda

existem tabus a serem quebrados na contemporaneidade, visto que há quem defenda que em uma língua existe o certo ou errado no modo de falar, criando, desse modo uma imagem negativa acerca das variedades presentes na língua de uma determinada comunidade, sem levar em conta as diversidades e injustiças sociais.

Em contrapartida, diversas manifestações artísticas e literárias buscam representar de forma fiel traços da linguagem popularmente falada pelas diversas culturas e pelos diversos grupos sociais presentes no país, com o objetivo de preservar as diferenças linguísticas. É nesse sentido que visamos nos validar de uma dessas muitas obras que enaltecem as riquezas linguísticas presentes no Brasil. Para isso, escolhemos como objeto do presente estudo uma obra que se caracteriza por trazer uma linguagem simples e de fácil inteligibilidade, que é marcada por traços descritivos dos costumes e das características simplórias do personagem sertanejo, que representa uma figura bastante presente nas cidades interioranas brasileiras.

A obra *Ciço de Luzia*, de Efigênio Moura, permitirá analisarmos e conhecermos os aspectos linguísticos que estão presentes na linguagem do autor ao narrar sua obra, ao descrever de forma realista os costumes e as falas dos personagens, que carregam fortes traços variacionistas. A partir da análise a ser feita e do estudo a ser levantado, traçamos alguns questionamentos a serem respondidos no decorrer do trabalho: Quais são e como podem ser classificadas as variações linguísticas e extralinguísticas presentes na obra *Ciço de Luzia*? Como podemos descrever os processos históricos e as funções estabelecidas nas falas, de modo a evidenciar as riquezas linguísticas do nordeste brasileiro?

O objetivo geral do presente trabalho, nesse sentido, é analisar de que modo as variações no âmbito da sociolinguística podem ser visualizadas no romance *Ciço de Luzia*, buscando classificar e descrever os diversos usos, evidenciando a diversidade linguística compartilhada pelo autor através de uma abordagem somativa e construtiva acerca do fenômeno social que é a língua. Temos, assim, como objetivos específicos: a) apresentar as variações linguísticas e extralinguísticas¹ presentes no objeto de pesquisa e sua classificação, a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista; b) Descrever os processos históricos e as funções estabelecidas nos usos linguísticos, de modo a evidenciar as riquezas linguísticas do nordeste brasileiro. Dessa forma, é necessário que nos apropriemos de estudos já realizados e, mais precisamente, do eixo de pesquisa que irá nos nortear nesta proposta de pesquisa. Para tanto, respaldamos nossa

¹ Optamos por utilizar a nomenclatura “variação extralinguística” ou “fatores extralinguísticos”, conforme Bagno (2007), para especificar todas as variações estudadas pela Sociolinguística influenciadas por fatores externos à língua, de natureza regional, local, social, cultural, etc, que exercem influência direta nas variações linguísticas fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e estilístico-pragmáticas (Bagno, 2007).

pesquisa a partir da perspectiva Sociolinguística Variacionista, a qual tem como precursor o linguista, William Labov (1927).

A escolha da temática e do objeto de estudo se justificam devido ao fato de que por meio de estudos sociolinguísticos, é completamente possível explicar os diversos fenômenos que se apresentam nas variedades linguísticas e que a norma-padrão vê como “erro”. Logo, por meio de explicações científicas e racionais, a noção de “erro” pode ser desconstruída, a fim de eliminar preconceitos e desprestígios no meio social. Na língua, existem diferentes formas de dizer uma mesma coisa, de transmitir uma mensagem, de estabelecer vínculos sociais, desta forma, desmistificando a noção de que existe apenas uma língua, considerada a “certa”. Assim, nos apoiamos na concepção de Bagno (2017, p.73), o qual afirma:

Ao contrário da Gramática Tradicional, que afirma que existe apenas uma forma certa de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja, nada na língua é por acaso.

Nesse sentido, acreditamos que a análise dessa temática na obra *Ciço de Luzia* possibilitará a compreensão de estruturas variantes que se apresentam no romance, de modo a contribuir para uma conscientização acerca dos diferentes usos linguísticos, estando estes vinculados aos diversos contextos socioculturais, eliminando cada vez mais o preconceito linguístico. É importante mencionar, ainda, o fato de que trabalhar com a referida obra de aula contribui para dar visibilidade à literatura local, já que o escritor da obra é paraibano, conforme será melhor descrito na seção metodológica.

O trabalho está organizado em quatro seções, além desta introdução. A seção 2, que trata da fundamentação teórica, abrange três subseções. Discorremos, inicialmente, sobre o estudo de Labov e suas contribuições para a área da Sociolinguística. Na sequência, explicitamos os aspectos gerais da perspectiva variacionista e as implicações para o ensino, trazendo ainda concepções essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Na última subseção, é feita uma abordagem sobre os tipos de variações extralinguísticas que compõem a Sociolinguística, sendo estas relativamente importantes a análise das falas.

Na terceira seção, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, incluindo uma síntese acerca da obra literária e do *corpus* utilizado. Na seção 4, realizamos a análise dos dados selecionados. Nessa mesma seção, também destacamos os fatores presentes na obra que contribuem para a formação identitária nordestina. Por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dar início a fundamentação da nossa pesquisa é necessário que façamos uma contextualização acerca da teoria Sociolinguística Variacionista e da variação linguística, para, a partir das contribuições de alguns estudiosos da área, abordarmos os principais conceitos, importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa, de forma exploratória e explicativa.

Na subseção seguinte, serão feitos apontamentos gerais acerca da Sociolinguística, abordando sobre como esta corrente se consolidou como um dos campos da linguística, e alguns conceitos desenvolvidos pelo seu principal idealizador, bem como os impactos do seu trabalho para a compreensão da língua como objeto social, que apresenta diversidades linguísticas nos diversos contextos sociais.

2.1. A Sociolinguística Variacionista: conceito, características e impactos na compreensão de língua como objeto social

A Sociolinguística Variacionista trouxe consigo a conceituação e a observância da língua a partir do coletivo, sem desconstruir a função da gramática e sua estrutura. Assim, possibilitou também a análise dos fenômenos linguísticos, ao considerar que as variações também apresentam estruturas, organização e são influenciadas por diferentes fatores.

Também chamada de Sociolinguística laboviana ou, ainda, Sociolinguística quantitativa, tem como um dos seus principais fundadores o linguista William Labov (1927), o qual se dedica aos estudos da língua no uso cotidiano, visando, a partir dos seus estudos, resolver e explicar questões sobre as variações dialetais que até então não tinham sido tratadas pela linguística estrutural. Através dessa teoria, é possível que consigamos explicar os fenômenos linguísticos ocorridos em uma determinada língua. Assim:

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos. (Labov, 1994, p. 12)

A língua deve ser pensada como um fator que age em conjunto com a sociedade, cuja finalidade é promover a comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade linguística. Nesse aspecto, a língua é tida como “produto e expressão da cultura de que faz

parte", como defende, Monteiro (2000. p.13). Labov, diferentemente de Ferdinand de Saussure, que não se dedicou a explicar os elementos do discurso devido ao seu caráter multiforme, identificou que na língua, o discurso pode sofrer alterações externas e internas que causam suas variações e mudanças. Esse caráter complexo da língua pode resultar em preconceitos e recair nos apontamentos que caracterizam a língua como um fenômeno homogêneo, dotada de padrões e regras.

Na perspectiva laboviana, as variáveis linguísticas são um elemento chave para compreensão das oscilações nas línguas e caracterização nas variedades de falas. Indiferente à proposta de alguns dos estudos linguísticos estruturais que não se detiveram em estudar a língua como um sistema heterogêneo e instável. Labov encontrou um modelo capaz de explorar os fatores sociais presentes na língua, sendo utilizado até hoje em diversas partes do mundo. A sua teoria seguiu uma perspectiva realista, observando a evolução da sociedade e conseqüentemente as variações que ocorrem em função do tempo e espaço.

Com base nessa vertente da linguística, é possível que consigamos explicar as diversidades linguísticas presentes na obra a ser analisada, também podendo observar o que concorre para que sejam gerados efeitos de sentido e julgamentos precipitados em torno de uma língua local que foge aos padrões formais. O intuito é demonstrar que a língua age em função das necessidades de um ambiente social ou de uma comunidade, que por sua vez apresenta uma variedade de vocábulos que podem ser desconhecidos para outros grupos sociais. Nesse sentido é importante ressaltar que a fala quando não tem poder de influenciar padrões sociais, pode ser afetada por estes. Conforme descreve Monteiro (2000. p.20):

A variação no comportamento linguístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante.

Em diferentes situações ou localidades, as variações podem ser facilmente compreendidas pelos falantes de uma dada comunidade, no entanto, ocorre uma confusão ao relacionar a língua (instrumento variável) à gramática normativa (descrição parcial da língua) que tradicionalmente tenta corrigir as variações contidas na língua. Esse é um dos pontos que Bagno (1999) discute em seu livro "*Preconceito linguístico: o que é e como se faz*", e que ao tratar do português brasileiro, menciona que basta apenas transitarmos entre as regiões do país, para que se possa observar a grande quantidade de dialetos presentes nas falas dos diversos povos que ocupam essas regiões. Assim, não é possível acreditar em uma língua homogênea e

padronizada. Além dessa observação, Bagno (2007) defende a heterogeneidade da língua como objeto e objetivo de ensino, a fim de promover uma reeducação sociolinguística.

O autor do livro “*Nada na língua é por acaso*” aponta os diversos impactos surgidos ao longo de décadas e que provocaram não só a segregação no ensino de língua, como também os problemas que se enraizaram em detrimento de um ensino de língua formal e padronizado para crianças vindas de famílias pobres que se encontravam em um contexto comunicativo divergente daquele das camadas sociais privilegiadas e minoritárias.

A imposição da norma linguística desconsidera os milhões de brasileiros que residem no país, os quais apresentam diversidades étnicas e culturais. Surgem aqui implicações para os que estão à margem da norma-padrão, tais como a exclusão e o preconceito linguístico. A exclusão dá-se tanto ao acesso a bens essenciais, como à compreensão de textos públicos ou de obras literárias que carregam linguagens particularmente padronizadas e cultas.

O problema está, portanto, em apresentar, inicialmente, esse tipo de linguagem no ensino a quem não convive e não tem acesso àquele sistema linguístico uniforme e conservador. Ao buscar algum sinal de mudança para uma reeducação sociolinguística, identificamos um Projeto de Lei que “institui a Política Nacional de Linguagem Simples nos órgãos e entidades da administração pública direta e indireta de todos os entes federativos”, a PL 6256/19². Embora ainda existam algumas implicações como investimentos e regulamentações por parte dos governos, o projeto demonstra o interesse em promover a inclusão e o acesso à bens essenciais, como os textos institucionais, por meio de uma comunicação mais acessível.

Em meio as diversas problemáticas que envolvem as mudanças linguísticas, a Sociolinguística Laboviana busca “refletir sobre a natureza da linguagem humana, no sentido de percebê-la em suas características essenciais”, Monteiro (2000, p.18). Dessa maneira, expõe a variabilidade das línguas como produto e expressão cultural, a fim de que esta seja reconhecida por suas particularidades sociais.

Na próxima subseção, evidenciamos os principais aspectos concernentes à variação linguística e suas implicações para o ensino de língua portuguesa.

2.2. Variação linguística: aspectos gerais e implicações para o ensino de língua portuguesa

No que diz respeito ao significado de variação, este se refere ao ato ou efeito de variar,

² Linguagem Simples. Gov.br, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/gestao/pt-br/assuntos/inovacao-governamental/cinco/cinforme/edicao_1-2023/linguagem-simples. Acesso em: 28 jun. 2024.

de mudar, de apresentar diversidade ou inconstância. Para o campo da Linguística, a variação constitui-se como um dos pilares da Sociolinguística, pois é o objeto de estudo para aqueles que buscam compreender as diversidades e mudanças encontradas em uma língua.

Compreender a variação é aceitar que as línguas se modificam ao passar dos tempos, e as mudanças podem ocorrer tanto no espaço geográfico quanto no meio social, pois a língua está em constante evolução. Temos palavras que deixaram de existir para dar lugar a novas palavras mais atuais, que se adequam aos diferentes contextos de comunicação, assim como também há palavras que ultrapassam o tempo e continuam a existir. Essas mudanças ocorrem de forma adaptativa, ou seja, são os frutos das manifestações entre os falantes que irão tornar os usos das palavras variantes em formas existentes em uma língua.

A variação linguística é a realidade das línguas naturais, ou seja, a realidade que se apresenta em praticamente todas as comunidades linguísticas. A língua emana do povo, portanto, deve ser tratada como um bem que abriga e comporta a todos aqueles que se utilizam desta. O Português Brasileiro (PB) dispõe de uma riquíssima diversidade linguística, não obstante, ainda existe um certo preconceito com relação aos usos de linguagem que podemos encontrar na língua portuguesa falada no Brasil.

Mediante a perspectiva variacionista, é possível observar e explicar os fenômenos que ocorrem no nosso Português Brasileiro, e que fogem à visão homogênea que descreve o PB como uma língua única, assim como é majoritariamente descrita nos livros de gramática normativa. É necessário que tenhamos consciência de que o país em que vivemos traz uma mistura de costumes e diferentes necessidades linguísticas que se estendem por todo o território e atendem as comunidades que fazem uso das diversas variações faladas.

É comum ouvirmos dialetos diferentes, mas que são usados para dizer uma mesma coisa que podemos conhecer por outro significado. As estruturas variantes presentes nesses dialetos demonstram a heterogeneidade que uma língua apresenta em uma dada comunidade linguística e que correspondem às diversidades presentes em um mesmo ambiente social.

As regras que a gramática normatiza são de suma importância para construção de enunciados escritos, para a compreensão textual e para determinadas situações de usos da fala. Logo, é importante que tenhamos consciência de tais fatos, conforme aborda Monteiro (2000, p.58): “Todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de invariante”. Não obstante, assim como na gramática normativa existem certas regras que não podem ser infringidas chamadas também de

“invariantes”, as variáveis linguísticas, de igual modo, também demonstram padrões regulares e sistemáticos que não devem ser infringidos em diversas situações, as invariantes impedem que elementos linguísticos sejam invertidos, sob o risco de interferirem na compreensão entre os interlocutores. Portanto, todo sistema linguístico é dotado de moldes imutáveis, as variações linguísticas nesse aspecto, são essenciais a própria natureza comunicativa e correspondem às diversidades dos inúmeros grupos sociais, demonstrando padrões linguísticos e um sistema organizacional, conforme será demonstrado por meio da análise do *corpus*.

O conceito de variação na sociolinguística é descrito por Bagno (2017, p.469) como as estruturas linguísticas que se apresentam de “diversas maneiras para dizer uma mesma coisa em um mesmo contexto e com valor de verdade”, logo, as variantes de uma língua podem ser mais bem compreendidas como formas alternativas de uso. Os sotaques são exemplos de variantes sonoras que alteram o som de um fonema, provocadas por fatores sociais como localização geográfica, idade ou grupo social; citamos como exemplo a pronúncia do fonema /s/ (representado entre as barras oblíquas “/ /”) na palavra ra/s/ga, que em determinadas regiões como no nordeste a pronúncia pode ser mais suave, contudo, mais ao sudeste como no Rio de Janeiro pode haver a inclusão de uma vogal na pronúncia da mesma palavra “ra/is/ga” ou ainda um /s/ mais “chiado” conforme ilustra Bagno (2017, p. 471).

A concepção de variação é bastante ampla e abrange todos os níveis da língua, dentre os quais podemos citar a partir de exemplos:

- A variação fonético-fonológica se dá nas mudanças gráficas e sonoras de vogais ou consoantes, pronunciadas mais abertas ou mais fechadas no caso das vogais. Essas ocorrências podem ser identificadas nas mais diversas localidades, tomamos por exemplos a pronúncia “leit/ê/” mais fechado e “leit/i/” mais aberto em algumas regiões. É frequente ainda, nesse nível de variação, serem identificadas supressões, trocas e adições de letras/fonemas em diversas pronúncias;
- No nível da variação morfológica, percebida quando há uma mudança na estrutura das palavras, como em: “fazer/fazê, comer/comê” que marcam a presença e a ausência da desinência verbal /t/, são exemplos de morfemas que se diferem a partir de seus usos em diferentes regiões ou de grupos sociais. Ambas as palavras não deixam de ser classificadas gramaticalmente como verbos no infinitivo, conforme explica Beline (2007, p.123). Outro exemplo de variação em nível morfológico dado por Bagno (2007, p.40) são os sufixos usados em “pegajoso” e “peguento”, usados para indicar uma mesma ideia/conceito (algo que gruda) sem alterar a classe da palavra.

- A variação sintática pode ser exemplificada através das estruturas: “Eu não vou não!”, “Eu não vou!” e “Eu não vou não, visse!”, nas frases aparecem elementos constituintes diferentes para construção sintática, ainda assim, todas as estruturas carregam um sentido geral;
- A variação semântica refere-se ao sentido que as palavras podem exercer a partir de seus usos, podemos citar como exemplo a palavra “aperriado”, que na região do nordeste pode ter o mesmo sentido que “nervoso”, “preocupado” ou ainda “ansioso”, dependendo do contexto em que a palavra está inserida;
- A variação lexical, representada nas palavras “barriga”, “bucho” e “istambo”, que embora apresentem diferenças em suas estruturas gráficas, são usadas por nordestinos para se referir ao órgão humano estômago, ou seja, o mesmo conceito/ideia é usado por diferentes itens lexicais;
- Por fim, a variação estilístico-pragmática, a qual se refere às situações de interação social, a exemplo das estruturas “É mió nós arruviar” e “É melhor darmos a volta”. No primeiro caso, pode-se notar um menor grau de formalidade ou um uso de fala mais característico de uma localidade, enquanto no segundo há uma maior formalidade ou um uso mais adequado para determinadas situações.

A partir de tais conceitos, abordados por Beline (2007) e Bagno (2017), podem-se explicar as estruturas que compõem as variações e em que níveis as mudanças ocorrem. Assim, é possível observar que as variações podem ser compreendidas e explicadas para aqueles que desconhecem tais variedades, haja vista que as mudanças linguísticas apresentam estruturas, que embora possam ser complexas, seguem um ou mais padrões, sendo estes influenciados por fatores sociais ou culturais adaptativos.

As variações presentes em nossa cultura, portanto, se tornam um campo riquíssimo para a ciência da linguagem, pois, por muito tempo perdurou no Brasil a ideia de que todos os brasileiros falam uma mesma língua ou que seguem a mesma norma linguística. Contudo, Bagno (1999) discorre acerca desse mito, como é chamado por ele próprio, e complementa que isso se tornou uma conclusão precipitada, visto que não se levou em conta as diversidades do povo brasileiro, como as origens geográficas, situações econômicas, graus de escolaridade e outros antecedentes sociais³.

Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste

³ Ao considerarmos o papel dos fatores extralinguísticos no uso da língua, ressaltamos os tipos de variações que compõem a Sociolinguística, a serem descritos e exemplificados na seção posterior.

país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua. (Bagnó, 1999. p. 16)

A crítica de Bagnó à normatização da língua brasileira expõe sua indignação, considerando que a língua-padrão causa, mesmo nos dias atuais, divisões e exclusões sociais, posto que, a dita norma-padrão é acessível a uma minoria da população brasileira.

Mesmo na contemporaneidade, podemos observar uma certa imposição no ambiente escolar e até fora dele quando o assunto é a língua, ou o uso natural desta. A língua ensinada por meio da norma-padrão pode ser observada como um produto artificial ou ainda um patrimônio cultural, como discorre Bagnó (2007), visto que não corresponde à realidade dos falantes. Nesta mesma linha de raciocínio, o ensino de língua se restringe à “escrita e, dentro do universo da escrita, somente com língua dos grandes autores, dos “clássicos”. Com isso, mais uma vez, todo um mundo fica desprezado: o mundo da língua falada, com suas especificidades, com seus mecanismos próprios” (Bagnó, 2017, p.67).

Com ênfase nas diversidades linguísticas contidas no nosso português, e fazendo uso da teoria sociovariacionista, buscaremos, portanto, expor uma parcela dessas variações, a fim de analisar o funcionamento e identificar quais conceitos e classificações variacionistas se aplicam aos usos e dialetos linguísticos presentes em uma produção literária. Em meio as explicações feitas sobre a temática até aqui, constatamos que o ensino da variação linguística é previsto desde os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN (1998).

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (Brasil, 1998, p. 29).

Essa primeira menção, em um documento oficial, de que a língua brasileira apresenta variações trouxe um novo marco para o ensino de língua, pois, como se sabe, havia e há um ensino centrado na língua padrão, avaliada como homogênea e restrita, que deixa de lado os aspectos sociais e diversidades linguísticas das grandes massas. Entretanto, tudo novo requer um certo tempo para adaptação, quebrar um ciclo ideológico não é uma tarefa fácil, assim como no caso do ensino de português. A concepção de língua heterogênea necessita de uma compreensão acerca do seu funcionamento e da sua teoria, de modo que não sejam causados conflitos ao se trabalhar com ensino de variação linguística.

As implicações que podem ocorrer no ensino de língua, quando este se desvia do tradicional ensino de gramática, tornam-se um complexo problema a ser discutido. O ensino de gramática normativa está vinculado a um passado histórico e tradicional, no qual os professores de língua se apegaram a uma concepção de uma língua imóvel, ou seja, um caminho que leva à taxatividade ou ao politicamente correto diante dos usos comuns da linguagem, conforme discorre o professor Ferrarezi Jr. (2007, p.26). É nessa tradicional metodologia adquirida ao longo de séculos e que defende uma língua superior sem que haja distinção e reconhecimento entre os variados ambientes sociais, que se situa o complexo problema para evolução no ensino de língua.

A diferenciação entre os propósitos comunicativos é um fator que deve ser levado em conta no ensino de língua, haja vista que na sociedade ainda ocorre uma estratificação quando um falante faz uso de uma linguagem culta, sendo este mais prestigiado e aceito em determinados ambientes em comparação ao falante que age linguisticamente de forma natural. Em meio a esse pressuposto, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) discorre que nos alunos “têm que ser respeitados e ser valorizadas as suas peculiaridades linguísticas-culturais, tendo o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio”.

Esta visão da autora, visa não pôr de lado as variantes linguísticas populares nem diminuí-las com relação às variantes de maior prestígio. Mas, sim, situar os alunos para que estes possam ter oportunidades de se integrarem nos diferentes ambientes sociais, sem que carreguem uma visão de língua homogênea, e sim consciente acerca das variações linguísticas. Portanto, seguindo o pensamento de (Bortoni-Ricardo, 2005, p.130):

O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar e importante.

É beneficiando-se de argumentos e perspectivas como estas, que a Sociolinguística Variacionista busca investigar as diversidades dialetais presentes na sociedade, usando os estudos da área a favor da desconstrução ideológica de um português-padrão. Em face do nosso trabalho, buscamos suscitar, por conseguinte, uma parcela de contribuição para a comunidade linguística e aos estudos sociolinguísticos por meio da nossa análise. Vejamos, na subseção seguinte, os tipos de variação sociolinguística.

2.3. Tipos de variação extralinguística que compõem a Sociolinguística

Na variação sociolinguística ainda ocorrem subdivisões/classificações que auxiliam na compreensão de fatores extralinguísticos e diferenças constituintes em uma língua. Algumas dessas classificações serão de suma importância para análise do *corpus* desta pesquisa. Portanto, é de grande valia que façamos uma abordagem e conceituação sobre esses fatores da sociolinguística.

Os tipos de variação extralinguística são classificados em: variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica. É importante salientar que alguns desses tipos de variações servirão de base mais adiante para identificar os padrões sociolinguísticos a partir da análise do *corpus*.

A variação diatópica é conceituada por (Bago, 2007, p.46) como “aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes”. Essas diferenças podem ser observadas, por exemplo, no sistema fonético-fonológico, como alterações nos diferentes sotaques, como no sotaque gaúcho, ou do carioca ou ainda do nordestino, são estas características linguísticas regionais e uniformes identificadas no Brasil e que não implicam na compreensão comunicativa de seus falantes. Essas características também podem ser facilmente classificadas às suas regiões geográficas de origem quando os falantes das diferentes localidades entram em contato uns com os outros. Uma outra evidência de variação diatópica são as diversidades de dialetos encontrados nas diferentes regiões ou localidades do país, usos que evidenciam as particularidades linguísticas de cada área socialmente demarcada. A palavra “macaxeira”, por exemplo, como é bastante conhecida no Nordeste, também pode ser conhecida em outras regiões por “aipim”. Não só esses itens lexicais, mas inúmeros outros podem ter formas distintas, porém com o mesmo sentido. Assim como pode ocorrer o contrário ao se tratar do português brasileiro.

A variação diastrática, segundo Bago (2007, p.46) está relacionada aos aspectos sociais, mais especificamente as camadas ou grupos sociais, logo, esse tipo de variação faz uma comparação nos modos de falar dos diferentes grupos de uma sociedade. Para exemplificar, pode-se comparar a forma como uma pessoa graduada em Direito faz usos linguísticos mais padronizados durante uma audiência ou em relações comunicativas com pessoas da mesma classe e que são provenientes daquele determinado contexto social (indivíduos menos pobres e mais escolarizados). Enquanto que uma pessoa pertencente da zona rural ou de uma periferia com menor grau de escolaridade, por exemplo, faz uso de expressões que não seguem a norma-padrão, consideradas de menor prestígio. São comparações como estas que os linguistas chamam de variação diastrática.

A variação diamésica trata de explicar as diferenças entre a fala e a escrita ou ainda os gêneros textuais. Neste quesito, observam-se os meios de comunicação ou veiculação, considerando as particularidades de cada um desses. A fala, por exemplo, constitui-se como uma expressão que é planejada e simultânea a partir do momento que é produzida, enquanto que a escrita confere um maior planejamento e correções quando possibilitando uma maior exatidão em sua reprodução. Contudo, ambas as formas de comunicação não são estáticas, posto que a fala pode reproduzir a escrita, e a escrita pode reproduzir a fala, conforme Ilari & Basso (2009, p.181). Para ilustrar esse conceito, observa-se o momento da leitura efetuada durante a apresentação oral de um telejornal, ou em uma sessão de plenário em meio a leitura de um documento institucional. Ainda sob a ótica de Ilari & Basso (2009, p.182), estas representações linguísticas não seriam atos tipicamente de fala, e sim de uma língua lida. Na escrita, podem ocorrer também casos de transcrições de falas, contudo, ainda assim, esta apresenta características específicas da escrita, como sinais de pontuação, organização das estruturas e a estilística textual para compreensão do leitor. Este tipo de variação, portanto, busca compreender como as marcas exteriores próprias de cada gênero discursivo falado ou escrito, apresentam particularidades que estão ligadas aos seus veículos de transmissão, suas finalidades e seus objetivos de comunicação.

A variação diafásica se refere ao estilo que cada indivíduo exprime através de sua comunicação. Este tipo de variação está relacionado, por exemplo, às diferentes formas que os grupos sociais se comunicam com suas particularidades linguísticas situacionais, como as gírias e os vícios de linguagem usados em uma conversa entre amigos ou a adaptação comunicativa mais formal como em uma palestra ou uma apresentação. Pode-se identificar, portanto, os graus de formalidade e informalidade no uso da língua. Em resumo, ocorre um monitoramento do comportamento verbal nos diversos contextos comunicativos em que os indivíduos estão inseridos, explica Bagno (2007, p.47).

Por fim, a variação diacrônica, especificada por (Ilari & Basso, 2009, p.152) como “aquela que se dá através do tempo”, também chamada de variação histórica, diz respeito à análise da língua em diferentes momentos, suas transformações ocorridas ao longo da história de uma língua. Ilari & Basso (2009, p.152) discorrem que tal variação também é responsável por defender e explicar as mudanças linguísticas externas, que estão relacionados à fatores sociais; e a mudanças linguísticas internas, que se referem as mudanças ocorridas em suas estruturas gramaticais, tendo em vista que os falantes estão em constante evolução, criam novos falares, novos vocábulos, novos sentidos que abrem espaço e emergem em meio aos ambientes

comunicativos. A exemplo, podemos destacar palavras que surgiram a partir da evolução tecnológica e que são usadas na atualidade, principalmente na internet, como “Zueira”, “Blogueirinho(a)”, “Biscoiteiro” (no sentido de ser uma pessoa que busca atenção) e uma mescla de dialetos que são facilmente compreendidos e utilizados por jovens que estão inseridos no meio social e digital, demonstrando assim a evolução da linguagem.

Os tipos de variação linguística aqui apresentados nos nortearão de modo a contribuir amplamente na identificação das peculiaridades presentes e extraídas da obra *Ciço de Luzia*. A próxima seção destina-se a uma abordagem sobre os aspectos metodológicos utilizados neste trabalho.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e do tipo exploratório, tendo em vista que serão investigados fenômenos de variação linguística, inerentes à realidade social em que vivemos, com o embasamento em estudos já realizados que colaboram para a construção e o aprofundamento da temática proposta.

Para desenvolvermos a pesquisa, recorreremos a autores e obras fundamentais para a sustentação da pesquisa e para o aprofundamento no eixo em que está relacionada à pesquisa, tais como Mário Marroquim (1934), Monteiro (2000), Bagno (1999; 2007; 2017), Martelotta (2011), Bortoni-Ricardo (2005), entre outros citados na análise do *corpus*. À luz desses grandes pesquisadores do ramo da linguística, objetivamos construir este trabalho acadêmico de forma compreensível e explicativa, de modo a dialogarmos com pesquisas relativas ao eixo temático. Com base na teoria Sociolinguística Variacionista, como já mencionado, identificamos o uso de expressões que não seguem o padrão rígido da língua portuguesa, enquadrando-se estas, no perfil conceitual do campo a ser explorado nesta pesquisa e que estão presentes em uma obra literária tipicamente regional, tendo em vista a localização geográfica na qual se dá a narrativa.

Também pesquisamos, no meio virtual, estudos realizados sobre a obra em questão, com foco em aspectos sociolinguísticos e regionais. O primeiro estudo encontrado foi o trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora Erika de Sousa Guimarães, defendido em 2017. A autora nos apresenta uma análise acerca da obra *Ciço de Luzia* (2013), também sob a perspectiva da Sociolinguística, abordando, além dos aspectos linguísticos, a identidade cultural que uma língua pode comportar.

A autora tece considerações a fim de identificar e analisar, a partir da narrativa, os tipos e níveis de variação linguística que se fazem presentes na obra. Por meio desse objetivo é traçado um percurso de identificação das características sociais e culturais do povo nordestino. Assim, o trabalho expõe os fatores que envolvem, não só a língua, mas também os costumes e tradições da região em meio aos personagens e ao cenário que, embora seja ficcional, traz um ambiente completamente realista.

O segundo estudo, do autor Rodrigo Agra dos Santos, também utilizou a obra para propor em seu artigo uma proposta de sequência didática para o EJA, na qual busca por meio da linguagem presente na obra, cativar os alunos da modalidade de ensino. Ele defende que a linguagem de fácil acesso pode aproximar os leitores de uma realidade linguística, além de proporcionar condições favoráveis ao ensino de Literatura. De igual modo, o seu trabalho objetiva conscientizar o público a que se destina a proposta de ensino, por abordar a identidade

cultural e a valorização da língua natural do povo, e apresentar a leitura sob um viés mais acessível. Ao final do seu trabalho, o autor oferece os processos metodológicos para que qualquer professor possa aplicar em sala de aula a proposta de ensino.

O terceiro estudo, da autora Josinete Maria da Silva, resultado de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Literatura e Regionalismo em *Ciço de Luzia*: Um estudo analítico”, objetivou, em suma, realçar a imagem do nordeste por meio da literatura regional, abordando os principais aspectos dessa corrente e, através da obra, observar como foi construída a configuração dos personagens por meio dos diálogos e dos cenários, assim constituindo a representatividade do povo nordestino. O trabalho da autora contribui de forma exorbitante para a valorização da cultura local, da literatura e dos autores regionais, que levam o nome da cultura popular e da historicidade em suas produções para toda a nação.

Salientamos que os três trabalhos elevam o reconhecimento e a importância do trabalho desenvolvido pelo escritor Efigênio Moura. Visto que o autor, por meio da produção literária, contribui para estudos e pesquisas em diferentes áreas que envolvem os campos da linguagem. Possibilitando múltiplas informações e características dedicadas a contribuir não só para estudos linguísticos, mas também para representação identitária regional.

É importante mencionar que o livro *Ciço de Luzia* (2013) foi indicado como leitura obrigatória para um vestibular de uma instituição de ensino superior no estado da Paraíba. A obra conta ainda com uma tradução para o inglês com o título “*Ciço and Luzia*”, o livro foi traduzido pela professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Kaline Brasil, e lançado pela Editora Leve. Em entrevista ao site “*AcheiUSA*”, o autor informou que: “O brasileiro está acostumado ao longo do tempo a receber influências culturais dos Estados Unidos e o livro é uma oportunidade do americano ter uma amostra de como é o modo de falar, viver, os costumes e paisagens do Cariri paraibano, Nordeste do Brasil⁴”. O pensamento do autor demonstra o nobre interesse em exportar uma parcela das características socioculturais encontradas no Brasil, a fim de contribuir também para a construção da identidade nacional.

Como já mencionado, o *corpus* da pesquisa é o livro *Ciço de Luzia* do autor Efigênio Moura, especificamente nas falas dos personagens: Ciço, Luzia, Dona Judith, Zé vando, Zaurinha e Deolinda, situadas ao longo da referida obra. As falas dos personagens selecionados nos permitirão identificar as singularidades e as diferenças linguísticas a partir das posições geográficas e sociais em que se encontram os personagens. Logo, em meio a esses diálogos

⁴ Livro de brasileiro sobre o Nordeste do Brasil é lançado em inglês. AcheiUSA, 2020. Disponível em: <https://www.acheiusa.com/Noticia/livro-de-brasileiro-sobre-o-nordeste-do-brasil-e-lancado-em-ingles-78577/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

poderemos observar uma grande representação e quantidade de dialetos transcritos, que são usados diariamente por muitos nordestinos, alguns desses dialetos talvez já estejam em desuso, outros se expandam não só pela região nordeste, mas por outras partes do país e por diversos grupos sociais. A subseção seguinte traz uma sinopse acerca da produção de Efigênio Moura, sendo feita uma contextualização acerca dos personagens, cenários e enredo da obra.

3.1. Revisão de literatura e descrição da obra *Ciço de Luzia*



Fonte: Dspace UEPB (Capa do livro “*Ciço de Luzia*”)

O livro *Ciço de Luzia*, do autor Efigênio Moura, foi publicado em 2013, pela editora Latus. A obra narra o romance entre Ciço (Cícero) e Luzia, por quem Ciço é perdidamente apaixonado. Luzia, embora demonstre um sentimento recíproco ao de Ciço, não o deixa explícito e não o demonstra diretamente através de palavras, assim como seu amado o faz. Apenas pequenos gestos alimentam e afugentam ainda mais o protagonista. Ciço é constantemente posto à prova, de modo a demonstrar seu afeto ao longo de toda a narrativa, permitindo, em nós leitores, contemplar um amor puro e singelo, sem regalias, sem ostentações, só o amor e a poesia da linguagem natural, a linguagem do coração.

Além dos personagens principais, Ciço e Luzia, há ainda figuras importantes para construção do enredo, como Dona Judith, mãe de Luzia; Galego Galdino, funcionário da fazenda e companheiro da “lida” de Ciço; Zé Vando, pai de Luzia; além de outros personagens, que compõem a narrativa e constroem os diversos cenários fictícios e históricos da obra. Há também figuras públicas reais conhecidas da região, tais como: Ilmar Cavalcante (cantor e compositor monteirense), Dejinha de Monteiro (cantor e compositor monteirense), Marco Di Aurélio (escritor e cordelista), Osmando Silva (cantor e compositor monteirense), Flávio José (cantor e compositor monteirense), dentre diversos outros, que foram integradas pelo autor em seu enredo, de modo a ficarem eternizadas neste patrimônio cultural.

O romance nos apresenta uma série de cenários pitorescos, capazes de nos divertir e ao mesmo tempo nos encantar ao longo de cada um dos trinta e seis capítulos, através das aventuras dos dois personagens protagonistas. A história entre os dois jovens apaixonados é ambientada na “Fazenda Macaxeira”, localizada na pequena cidade do cariri paraibano, Zabelê, que fica entre Monteiro e São Sebastião do Umbuzeiro, e se passa na década de 70, descrevendo bem os costumes e tradições da população que ali reside. Ciço, como empregado da família de Luzia, não dispõe de recursos para lhe oferecer grande conforto, mas encanta a jovem por sua dedicação para com ela, e o amor que lhe demonstra por meio das suas atitudes.

O personagem caracteriza o típico cavalheiro que podemos encontrar em grandes romances da literatura, ou a representação do jovem plebeu e da nobre princesa que se apaixona pelo jovem valente e submisso aos seus desejos. Por Luzia dispor de uma melhor condição de vida, teme por seu pai negar-lhe sua mão, mas é confiante que seu padroeiro cujo nome carrega o mesmo que o seu, Padre Cícero, atenderá suas preces e permitirá que o casal compartilhe a união matrimonial e que fiquem juntos para toda a eternidade, como assim desejam.

A obra de Efigênio, além da narrativa, expõe um vasto campo de expressões que retratam a linguagem regionalista, natural e informal. Neste mesmo cenário literário, foram identificadas variações dialetais que estão presentes, principalmente, na cultura linguística nordestina, conforme é mencionado, inicialmente e em nota no livro do autor: “Leve-se em conta que, neste livro, o linguajar nordestino é utilizado como forma de reproduzir a rica e sólida expressão oral existente na região, a verdadeira língua do povo” (Moura, 2013, p.9).

Com base na breve revisão de literatura e na descrição da obra/objeto de estudo, na seção a seguir, passamos à análise dos dados tomando como base na teoria da Sociolinguística Variacionista.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS VARIAÇÕES ENCONTRADAS EM FALAS DE PERSONAGENS DA OBRA *CIÇO DE LUZIA*

Esta seção é destinada à exposição e análise das falas de alguns dos personagens da obra *Ciço de Luzia*. Desta forma, nos valem das concepções variacionistas abordadas até aqui, as quais nos auxiliarão a classificar e explicar os tipos e níveis de variação linguística em que se situam as falas dos personagens. Também, os fatores extralinguísticos e históricos que podem ter contribuído para construção do enredo e para valorização da linguagem heterogênea são aspectos a serem discutidos nesta seção.

É importante adentrarmos no cenário ficcional da obra, de modo a possibilitar uma análise e compreensão dos critérios regionalistas que contribuíram para construção dos falares narrados e transcritos pelo autor Efigênio Moura (2013). A literatura, nesse contexto, tem propiciado não só o desenvolvimento da imaginação, mas o compartilhamento de saberes, de culturas distintas, a interpretação de imagens e cenários, talvez desconhecidos para alguns, embora tão conhecidos para outros. Logo, realidade e ficção podem apresentar inúmeras singularidades. A obra *Ciço de Luzia* é uma dessas muitas obras que nos permitem viajar a cenários tão breves passados e que tanto trazem de realidades ainda vividas. Sua linguagem, transmitida pela voz do autor/narrador, realça as particularidades do linguajar do cariri paraibano, local de nascimento e convívio do autor, localidade tão bem representada através de suas obras.

Além da análise sociolinguística, que nos permitirá identificar os padrões de variações regionais e quais processos explicam os fenômenos ocorridos em falas de personagens, também serão abordados os aspectos culturais que contribuem para a valorização da expressão oral nordestina paraibana e do processo linguístico histórico dessa região.

Diante desses pressupostos, iniciamos a análise do *corpus* da pesquisa. Analisemos, inicialmente, a seguinte fala do personagem Ciço:

“quano eu vortá das obrigação havéra de tê um restin de dia, antes do derradêro brio do só, pra mode eu vê a bichinha na caçada arta da casa dela” (Moura, 2013, p. 31).

Podemos observar nessa fala do personagem uma série de fatores linguísticos, que sob o viés da norma padrão, apresentariam divergências gramaticais, e isso se daria pelo fato de algumas palavras utilizadas pelo personagem não estarem graficamente documentadas em dicionários popularmente conhecidos. O uso do termo “*Quano*” indicando o advérbio

“quando”, denota a variação da palavra utilizada e conhecida por Ciço, em que se nota na palavra grafada o apagamento da consoante /d/ após a sílaba tônica, processo linguístico chamado também de *apócope*, como demonstra o estudo de (Cardoso, 2009, p.50). Esta alteração constitui-se como uma variação fonético-fonológica típica do português brasileiro e característica da região nordeste, logo, esta pode ser descrita como uma variação do tipo diatópica.

A troca do /l/ pelo /r/ no verbo “*vortá*” é outro tipo de variação comum em várias regiões do país, apresenta o chamado *rotacismo fonológico*⁵, o qual segue um processo histórico (variação diacrônica) que vem desde a chegada dos bandeirantes, conforme especifica (Bagno, 1999, p.89). No mesmo verbo também se apresenta a falta do /r/ infinitivo, substituído pela vogal tônica /á/. O processo se repete também nos verbos “tê” e “vê” doravante “ter” e “ver”. Tais mudanças fonéticas-fonológicas não implicam nos sentidos das palavras, posto que em meio às situações de uso que se encontram, ambos os termos seriam assimilados as suas classificações morfológicas de origem, verbos no infinitivo.

Esta mesma fala do personagem ainda é marcada por outras variações de nível linguístico, que apresentam padrões semelhantes em suas estruturas e de outros trechos comunicativos entre os personagens da obra. Por exemplo, o uso da palavra “*brio*”, equivalente a “brilho”, na qual ocorre a transformação do /lh/ pelo /i/, chamado também de *ditongação*, sendo esta uma das diversas alterações fonético-fonológicas identificadas nos falares nordestinos e, que carregam influências das línguas africanas, como bem elucida (Bagno, 1999, p.89). O uso de “*pra mode*”, se constitui como uma variação informal contraída a partir expressão do português arcaico “por amor de”, como explica Mário Marroquim (1934, p.60); na fala do personagem, a expressão tem o mesmo sentido de “para que, de modo que”, assim, sendo classificada como uma variação do nível semântico-lexical; por se tratar de uma expressão que se transformou a partir do uso no tempo, esta pode ser caracterizada como uma variação do tipo diacrônica.

As palavras “*caçada*” e “*arta*” apresentam novamente a ausência do /l/ em “caçada”, e a troca desse fonema pelo /r/ em “arta”, neste último caso ocorre o *rotacismo*. Percebe-se que a variante “*caçada*”, quando agrupada a todo o sintagma construído na fala do personagem Ciço, consegue ser facilmente assimilada a sua palavra de origem “caçada”, e assim passível de ser compreendida pelos interlocutores. Esse fator realça a ideia de que as variações

⁵ O rotacismo é o fenômeno fonológico que consiste na neutralização de uma líquida lateral /l/ pela alternância de uma líquida vibrante /r/. (Dida, 2015, p.13)

linguísticas apresentadas em uma língua, desde que ligadas a outros elementos linguísticos, não interferem na compreensão e comunicação de um mesmo grupo de falantes, independente do grupo social ao qual pertence.

Em uma análise sociolinguística externa à fala de Ciço, trazida inicialmente, e a partir das características e espaço literário em que se situam, não apenas o personagem Ciço, mas também os demais personagens da obra, é possível identificar configurações sociais, que permitem atribuir quais fenômenos extralinguísticos se relacionam com as falas. Ciço, por exemplo, cultiva características que demonstram um indivíduo tipicamente nordestino, que convive em um ambiente rural, que vive de um trabalho árduo, que demonstra seu orgulho e fé, seus costumes e sua dedicação para com o seu único amor, Luzia. A linguagem evidenciada na fala do personagem é um fator a ser considerado para identificação de seu *status* social, pois o uso de variantes de menor prestígio projetam um indivíduo de uma camada social mais pobre e com um nível de letramento considerado baixo, haja vista que a quantidade de variações presentes na fala apresenta numerosas palavras que não seguem a norma-padrão ou de maior prestígio da língua portuguesa. Neste quesito, e no que concerne aos usos linguísticos das diferentes classes sociais, portanto, seria atribuído o tipo de variação diastrática. Acerca das relações sociais que se criam em meio às diversidades linguísticas, Bortoni-Ricardo (2005, p.71), ressalta que:

À medida que os usuários da língua se movimentam através do espaço sociolinguístico multidimensional que compõe seu repertório, usam os recursos de variação para marcar diferentes dimensões de sua identidade social, tais como sexo, faixa etária, grupo ocupacional, religioso ou étnico, background regional etc.

Devido à cultura linguística que por muito promove o português elitizado, e que se enraizou no ensino de língua, tais fatores citados por Bortoni-Ricardo (2005) funcionam como estigmatizantes que na maioria das vezes carregam preconceitos e exclusões na sociedade. A ideologia de um português padrão criado ao longo da colonização permitiu a abertura de brechas nas quais se fixaram os preconceitos e a criação de estereótipos. A linguagem reproduzida através do personagem, por exemplo, pode passar de uma identidade linguística cultural para uma forma de “chacota”, de julgamento ou de taxações, se não bem interpretada sob o ponto de vista da sociolinguística.

No seguinte diálogo entre os personagens Luzia e Dona Judith (Mãe de Luzia), podemos observar mais variações pertinentes a nossa análise:

“- Avie Luzia, tu tá pensano na morte da bizerra é?

- Mainha, eu tô morreno de sono!

- Apôï se avexe, quinda vô in São Sebastião.

- Vixe mainha! A essazóra?” (Moura, 2013, p. 41).

A primeira fala vozeada pela mãe de Luzia constitui variações comuns na fala de nordestinos, a exemplo da primeira expressão “*Avie*” que carrega o sentido (semântico) de “apressar-se”, “agilizar”. Este item lexical é comumente utilizado, principalmente, pelos sertanejos residentes das zonas rurais do interior nordestino e, como mostra o estudo intitulado “*A língua do nordeste*” do autor Mário Marroquim (1934, p.52).

A segunda expressão “*tu tá pensano*” apresenta a redução do verbo “está” e, o apagamento da consoante oclusiva dental⁶ /d/ no verbo do gerúndio “pensano > pensando”. Percebe-se que o mesmo processo se repete na transcrição da fala de Luzia “*eu tô morreno de sono*”. Ambos os verbos no gerúndio, “pensando e morrendo”, sofrem a mesma alteração fonológica observada na primeira análise da fala de Ciço, a *apócope*. Uma justificativa a ser considerada para o fato de que mãe e filha fazem o apagamento da referida consoante no mesmo contexto linguístico é a influência da comunicação da mãe, Dona Judith, no processo de aquisição da linguagem de sua filha, Luzia, o que permite que esta se utilize dos mesmos códigos linguísticos. Outros fatores presentes na aquisição desses usos podem ser levados em conta, tais como a localização geográfica (variação diatópica), onde estão inseridas as personagens, o grau de escolaridade e suas posições sociais.

Ainda no diálogo das personagens podemos identificar mais variantes, como: “Apôï > Apois” variação derivada a partir de dois processos; o primeiro constituído pela *prótese*: acréscimo do fonema /a/ na conjunção “pois”; o segundo pela omissão do /s/ no final da palavra. Na expressão “*se avexe*”, identifica-se uma variação do nível semântico-lexical, pois tem o mesmo sentido e significado de “*avie*” (apressar, agir com rapidez), denotando também uma expressão típica dos nordestinos, o que aponta para a variação diatópica.

Também apresenta-se na fala um tipo de *haplologia*, conceito abordado Bortoni-Ricardo (2005), que explica a supressão de fonemas, principalmente na modalidade oral e, que é usado constantemente para facilitar a pronúncia das palavras, como representado no sintagma “*quinda*”, indicando a estrutura derivada de “*que ainda*”. Algo semelhante ocorre no vocábulo

⁶ Este processo de apagamento da oclusiva /d/ não é exclusividade do português brasileiro; ele está presente também em outras línguas (Martins, 2004).

“essazóra” (essas horas). Esse tipo de ocorrência é explicado por Bortoni-Ricardo (2005, p.55) como a ligação entre a consoante final “essa/s/” e a vogal inicial “h/o/ras”, no caso em questão a letra *h*, que não constitui um fonema, foi substituída pelo fonema /z/ para formar a variante “essazora”, de modo a evidenciar a pronúncia utilizada.

Outros marcadores linguísticos típicos da região nordeste que estão presentes na estrutura analisada são os termos “*vixe*” e “*mainha*”. O primeiro consiste em um tipo de interjeição muito utilizada para demonstrar sentimentos de surpresa, preocupação, alegria ou tristeza, adequando-se, portanto, aos diversos contextos. Enquanto “*mainha*”, é a forma diminutiva e carinhosa da palavra “mãe”. É bastante comum ouvir um filho atribuindo tal vocativo para responder às figuras maternas nas diferentes localidades da região, sendo habituais ainda os termos “*painha/painho*” para se referir a figura paternal. Há um ditado popular na fala da personagem Dona Judith, que contribui intrinsecamente para a identidade e divulgação da cultura regionalista, o trecho “*tu tá pensano na morte da bizerra?*”, pois a estrutura fornece o sentido de chamar a atenção de alguém que está distraído, com pensamento longe. O ditado especificado tem origem incerta, muito embora seja frequentemente utilizado pelos falantes da região. São estas, características linguísticas que representam novamente a variação do tipo diatópica.

Outras passagens da fala do personagem Ciço são de grande importância para situar-nos no espaço geográfico onde ocorre a narrativa e de onde surgem as inspirações do autor. A exemplo:

- “- Pruela, desafio essa terra qui num fulora mais
- Essa disolação, essa areia fininha e quente” (Moura, 2013, p.47)

Pode-se interpretar por “essa terra que num fulora mais” como uma ressalva do autor ao referir-se à terra semiárida do sertão nordestino, onde há uma escassez de chuva devido aos fatores geográficos dessa região e que provoca tempos de secas prolongadas. Esses fatores implicam na descrição de “Essa *disolação*” > desolação (transformação em deserto), essa areia fininha e quente”, na fala do personagem. Em “Pruela” e “fulora” temos ainda exemplos de variações das respectivas expressões “por ela” e “flora” do verbo “florir”, o uso do dialeto “fulô” ou “fulora” decorrente da quebra do encontro consonantal *fl*, e a introdução da vogal /u/ antes da consoante /l/, desse modo derivando o dialeto falado ainda nos dias atuais e, reproduzido na obra.

O autor busca ainda, além da exposição da linguagem falada, reproduzir as tradições locais que a população carrega, a exemplo de crenças religiosas dos personagens, que são referenciadas na obra e que fazem parte da tradição religiosa da região nordeste:

“- Conto uma duza de istrela
- dô tudín pra ela
e inda agaranto cá pírmisão de meu Padim
qui num tem uma qui brie cuma os zóio dela" (Moura, 2013, p.49)

No discurso de Ciço “*cá pírmisão de meu Padim*”, há a referência ao sacerdote católico, Cícero Romão Batista⁷, ao qual o personagem demonstra grande devoção, e que inúmeros nordestinos de igual modo, em tempos atuais, seguem como devotos e admiradores de seus feitos na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Manifestações culturais como a literatura de cordel, o forró, as comidas típicas e entre outras também se fazem presentes ao longo da narrativa *Ciço de Luzia*. São estes aspectos essenciais para a difusão de outras culturas nacionais e das identidades culturais contidas em nossa sociedade.

Em análise, o termo “*Padim*” é empregado como decorrente do processo de erosão fonética⁸ de “Padrinho”, haja vista que muitos nordestinos empregam tal título e pronúncia, por sua devoção e familiaridade, reverenciando-se ao sacerdote com afeto e admiração. É comum também ouvirmos os dialetos “meu padim pade Ciço”, ao citar a figura católica bastante conhecida no nordeste brasileiro. Um outro aspecto de variação no nível fonético-fonológico, que se faz presente no português falado no Brasil, e que o autor representa a partir do falar nordestino é a chamada *monotongação*, ocorrida, por exemplo, no vocábulo “*duza*” referência a “*duzia*”, o processo é explicado como a quebra dos ditongos, reduzindo a vogal+semivogal a apenas a vogal como em: peixe/pêxe, caixa/caxa, louco/loco. Isso ocorre principalmente na expressão oral, sendo esta uma característica dos falares mais rápidos, como explica Bagno (1999, p.59).

No mesmo nível, apresentam-se também variações fonético-fonológicas nas palavras: “tudín > tudinho”, com a supressão do sufixo “-inho”; a omissão da vogal /a/ em “inda>ainda”; a *prótese*, que é formada pelo processo de inserção de um fonema no início de uma palavra

⁷ Padre Cícero é considerado um santo (não reconhecido pela Igreja Católica Romana) por muitas pessoas religiosas, principalmente do Nordeste brasileiro. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/pesquisa/padre_cicero.htm acesso em: 24 mar. 2024.

⁸ Conforme descrito por Martelotta (2011), é caracterizada como a redução da substância fônica que ocorre devido à coalescência.

como em “agaranto > a garanto”; na palavra “cá” correspondente a “com a”, ocorre a supressão do fonema /m/ seguida da contração da consoante inicial com o fonema /a/. Em “istrela > estrela”, “pirmissão > permissão” e “cuma > como” consiste a *assimilação*, que é o uso dos fonemas /i/ e /u/ no lugar de /e/ e /o/; nas palavras “brie > brilhe” e “zóio > olhos” ocorrem a despalatalização do /lh/ com a ditongação. Estes dois últimos termos também podem ser classificados como variações do nível lexical, pois pertencem ao vocabulário utilizado e se referem às mesmas coisas, “olhos” e “brilhe”.

Na sequência, observemos um trecho em que o autor situa-nos com relação às divergências linguísticas de outras localidades e, observadas pela própria personagem, Luzia, ao notar que a fala de outro personagem, proveniente do estado de Pernambuco, apresenta alterações fonéticas em relação a sua forma de falar:

"- Oxe mainha, um homi qui só fala chiando"

A visão de Luzia para um homem pernambucano.” (Moura, 2013, p.60)

O trecho acima faz referência a chegada iminente do personagem Galdino na fazenda em que Luzia mora. A partir dessa fala, Moura (2013) preocupa-se em expor também, intrinsecamente, as mudanças fonéticas ao comparar a Paraíba e Pernambuco em seus falares. Com isso, a observação de Luzia ao citar que “*um homi que só fala chiando*” faz jus ao sotaque pernambucano, haja vista que há algumas discussões que envolvem as diferenças entre o sotaque paraibano e o sotaque de algumas localidades pernambucanas, por conseguinte, essa variação condiz com a variação do tipo diatópica, devido ao fato de haver uma comparação entre as diferenças linguísticas das regiões.

Recentemente, uma discussão relacionada a essas diferenças foi compartilhada em meio a redes sociais e sites de notícias⁹. O fato ocorreu quando a participante da vigésima segunda edição do Reality Show, Big Brother Brasil (BBB), Eslovênia Marques, natural de João Pessoa, mas que residia em Caruaru, Pernambuco, foi criticada por seu falar “chiando”. Tudo começou devido a um comentário feito pela página oficial da prefeitura de João Pessoa. Os administradores da rede social observaram o fato linguístico e fizeram o seguinte comentário: “Se fala chiando, não temos responsabilidade sobre isso, viu? Boa sorte!”. O comentário

⁹ SILVA, Luana. Origem de Eslovênia do BBB22 gera 'embate' entre PB e PE na web, e prefeitura de João Pessoa brinca: 'não temos responsabilidade'. G1 Paraíba, 02 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/02/02/origem-de-eslovenia-do-bbb22-gera-embate-entre-pb-e-pe-na-web-e-prefeitura-de-joao-pessoa-brinca-nao-temos-responsabilidade.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2024.

provocou inquietações sarcásticas na internet, das quais muitos paraibanos compartilham do mesmo pensamento dos responsáveis pelo comentário, o de que o sotaque paraibano não “chia” como o da participante. O fato de que Eslovênia residia a algum tempo na cidade pernambucana pode ter sido um fator influenciador no seu modo de falar, percebido pelos falantes paraibanos.

Essa comparação variacionista pode ser explicada devido ao fato de que na Paraíba ocorre a palatalização (encontro da parte anterior da língua com o palato mole, ocasionando o chiado) do /s/ com som de /x/ antes das consoantes /t/ e /d/ como em “e/x/trogonofe”, “de/x/de”; já em algumas localidades de pernambuco a palatalização do /s/ com o som de /x/ ocorre tanto no final de palavras como em “dias > dia/x/”, dois > doi/x/, quanto no meio e início das palavras como em: “estado > e/x/tados”, “estudioso > e/x/tudioso”. Isso pode ser mais observado no sotaque dos recifenses, conforme explica a professora de linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Juliene Pedrosa, em entrevista ao G1 Paraíba. O fato é que o autor tem essa percepção de mudança na sonoridade dos falares entre Pernambuco e Paraíba e traz para sua obra.

Observemos agora outro diálogo entre Ciço, Luzia e sua prima, Rizaura, esta residente na cidade de Serra Branca, Paraíba:

“- Ciço, num vai tê forró puraqui não!

- Vai tê na Cacimba no sábo de aleluia

Luzia percebeu o interesse da prima.

-Ixi Luzia, quêsse homi é chalmôôôôôôôso, um pão!!!” (Moura, 2013, p.72)

No trecho do diálogo acima podemos identificar mais variantes comuns nos falares regionais, formadas a partir da *haplogia* (supressão de fonemas e aceleração da fala), por exemplo, nas palavras: “puraqui > por aqui” e “quêsse > que esse”. Há também a redução da proparoxítona “sábado” para “sábo” que demarca também o processo de *síncope*, considerando que “um dos fatores que contribuem para que as palavras proparoxítonas se reduzam a paroxítonas é a aceleração no ritmo da fala” (Carvalho e Bueno, 2015, p.6). Ocorre ainda a presença da variante “chalmôso > charmoso” usada pela personagem Rizaura; tal variante é pertencente ao português não-padrão e é proveniente do processo chamado de *lambdacismo*, que consiste na troca da consoante /r/ pela consoante /l/, como ocorre nas palavras calvão > carvão, celveja > cerveja, galfo > garfo, conforme explica (Bagno, 1999, p.92).

Um outro aspecto a ser observado no trecho em questão é o de que a personagem Rizaura

reside no mesmo estado, embora em uma cidade um pouco distante e maior. Logo, o autor não apresenta um maior grau de formalidade através da fala da personagem, pois leva-se em conta que se trata também de uma cidade interiorana, ou seja, o uso linguístico pode se equiparar ao dos personagens protagonistas e, que pertencem ao mesmo espaço geográfico (estado paraibano). Apesar de não se apresentarem diferenças linguísticas entre as falas das personagens, os diálogos reforçam as características linguísticas daquela região, portanto a variação do tipo diatópica.

Analisemos agora um diálogo entre Zé Vando e Dona Judith:

“- Se avexe Judith, mandéssa minina aviá, ô demora da gota!

- Oxe e nós tem qui ir as 3 da madrugada

- Recrame não mulé, tu num sabe qui aquela veranêis de Agripino é iguázin uma fubica?” (Moura, 2013, p.77)

Novamente, as falas dos personagens demonstram o mesmo padrão de variações, a fala de Zé Vando contém a formação de uma variante formada a partir da *haplologia*, “mandéssa > mande essa”, demonstrando o falar “apressado” do personagem por meio da supressão do fonema /e/ e contração dos dois termos. O vocábulo “aviá” constitui-se como uma variante dialetal das expressões “avie, se avexe”, e que no contexto de uso em que se inserem, expressam o sentido de “apressar/ agir com urgência”. O termo enquadra-se, portanto, em uma variação do nível semântico e morfológico, visto que além de contemplar outros sentidos, também pode ser classificado como um verbo que apresenta flexões. Há ainda o uso da expressão “demora da gota”, que demonstra a impaciência do personagem; tal expressão situa-se em um nível semântico, haja vista que tem mesmo sentido de “atraso, lentidão ou retardamento”, exercendo ainda a função de uma locução interjetiva (variação no nível sintático) quando analisada toda a estrutura da fala.

O rotacismo novamente aparece em “recrime > reclame”, ocorrendo a troca da consoante líquida lateral /l/ pela consoante líquida vibrante /r/. A variante “mulé > mulher”, sofre o processo de despalatalização da líquida lateral /lh/ que também é pronunciada como “muié”, este último ocorre o processo de despalatalização e ditongação, visto também em: “cuié > colher”, cuié > coelho; tais variações são comuns nos dialetos falados por diversos nordestinos e em outras regiões, principalmente, nos falares rurais, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2005, p.57). O vocábulo “iguázin > igualzinho” pode ser observado como a perda do

sufixo diminutivo “-inho” juntamente com a perda da líquida lateral /l/, processo semelhante ocorrido na variante “padim > padrinho”. A expressão “veranêis > veraneio” usada no plural com a supressão do fonema /o/ por Zé Vando, apresenta-se como variação no nível fonológico e lexical, já o termo “fubica” (carro velho, carro antigo) ocorre apenas em nível semântico-lexical. O uso dos termos contribui para elucidação e representação do cenário do sertão nordestino, haja vista que o transporte citado (veraneio) faz referência a um modelo de carro antigo, mas bastante comum no Nordeste, usado ainda nos dias atuais para o transporte de cidadãos, principalmente, da zona rural para a cidade, assim como deslocamentos intermunicipais.

Um outro fato linguístico que é pertinente à nossa análise é o pequeno trecho das falas das personagens Luzia e sua tia Deolinda:

“- Bença tia, cadê a praia?

A tia falou sobre a praia, deu alguns conselhos e algumas dicas e disse onde ficava...

- Quando você sair de casa Luzia, você dobra a direita, pra lá, e depois tem um bequinho... De lá você verá a praia.” (Moura, 2013, p.77-78)

Diante das falas das personagens, observa-se o conceito de dualidade linguística abordado por Bortoni-Ricardo (2005), relacionado às diferenças identificadas ao comparar dois dialetos diferentes, como o rural e o urbano, como podemos observar no trecho acima. O cenário decorre da ida da personagem Luzia (residente de uma área rural) a João Pessoa, capital paraibana, onde ocorre a visita a sua tia que ali reside. Neste cenário, o autor preocupa-se em evidenciar a mudança no discurso dos personagens, ao usar a fala da tia de Luzia com variantes mais acentuadas à norma-padrão; e a de Luzia com variantes mais característica de um linguajar rural. Embora as falas das personagens possam ser classificadas como variantes de prestígio, tendo em vista que ambas dispõem de melhores condições financeiras comparadas a outros personagens, seus falares demonstram diferenças perceptíveis, isso poderia ser atribuído às relações sociais ou os grupos sociais em que estão inseridas as personagens, ou seja, a variação do tipo diastrática. Nota-se, pois, a percepção do autor com relação às diversidades linguísticas que o cercam, visto que são abordadas diferenças no sotaque pernambucano, apontado em ocorrência anterior, e também as similitudes como ao comparar as falas dos personagens pertencentes ao mesmo grupo social e espaço geográfico (mesmo estado).

A maioria das ocorrências evidenciou a variação linguística no nível fonético-

fonológico e nos níveis semânticos e lexicais, o que aponta justamente para o fato de que estas variações, somadas aos aspectos extralinguísticos identificados, denotam de maneira significativa um conjunto de fatores sociais auxiliares à compreensão da variação linguística. Com foco em nossa análise, portanto, observamos que os traços linguísticos que se fazem explícitos na obra demarcam falares que são ambientados em uma região rural das proximidades de uma cidade do interior paraibano e de outras localidades, como João Pessoa, Serra Branca e Sertânia; nesse aspecto, se enquadra o tipo de variação diatópica, a qual é responsável por diferir, justamente, as diversidades linguísticas das diferentes regiões como zonas rurais e urbanas, cidades ou áreas demarcadas socialmente, (Bagno, 2017, p.46).

O perfil social dos personagens também nos permite interpretar a posição social que estes ocupam. Suas falas transcritas pelo autor sinalizam características de indivíduos com níveis distintos de escolaridade, pessoas que lidam com o trabalho braçal em meio a agricultura e pecuária, com dificuldades e adversidades semelhantes à realidade. Por intermédio dessa análise, caracteriza-se a variação do tipo diastrática que se relaciona com os modos de falar das diferentes classes e grupos sociais.

No que se refere ao enredo da obra, esta traz uma representação identitária nordestina, pois leva-se em conta que o cenário descrito pelo autor se situa predominantemente no interior da Paraíba, retratando uma imagem extraliterária das características do sertanejo interiorano encontrado na região. A linguagem empregada pelo artista não apenas nos permite localizar a narrativa no tempo e no espaço, mas também nos convida a compartilhar das tradições linguísticas e culturais da região, que são habilmente refletidas através da narrativa literária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, realizamos uma análise sociolinguística, expondo não apenas as variedades linguísticas que o escritor Efigênio Moura traz em sua obra, mas também demonstrando as faces culturais e tradicionais de um povo nordestino. A rica diversidade de dialetos que constituem os diálogos dos personagens, nos permitiu identificar variedades linguísticas que, sob as nuances do português brasileiro padrão, podem ser subjugadas e desprestigiadas.

Assim, em meio a nossa análise, evidenciamos como as variações linguísticas podem ser descritas e como podem ser classificadas com base nas explicações e estudos de outros autores, que também buscam esclarecer os fenômenos variacionistas do português brasileiro. A língua, a partir do discurso científico, tem o propósito de compreender as mudanças linguísticas que se apresentam nas variações, sendo estas um fato real, um sistema completamente funcional, validado pela heterogeneidade linguística e social. Os recursos linguísticos apresentados nas variações possibilitam claramente a compreensão e interação entre os falantes que se utilizam de um mesmo código linguístico.

O estilo empregado pelo autor em sua obra permite notabilizar as diversidades de uma linguagem falada no cotidiano, que não segue os padrões cultos comuns de serem observados em outras obras também regionais e que busca se aproximar ao máximo daquilo que se ouve e se usa ainda nos dias atuais. A realidade regional que é construída na narrativa faz com que os elementos e recursos textuais saltem à obra e se materializem diante da realidade, pois o autor busca reproduzir de forma fiel os aspectos linguísticos, culturais e tradicionais vividos e conhecidos por muitos nordestinos.

Embora uma grande minoria de brasileiros e nordestinos tenha acesso a leituras como a de Efigênio Moura, muitos destes povos foram representados através da manifestação artística literária do autor, que além da linguagem enaltecida e referenciada, buscou também, em meio ao enredo, reconstruir imagens nostálgicas de um Nordeste particular, de certas características, tradições e vivências que corroboram para representação da cultura nordestina.

Ciço de Luzia, portanto, nos possibilitou estabelecer uma conexão entre o literário e a vertente da Sociolinguística. As alterações gráficas que o autor utilizou para descrever os aspectos variacionistas da língua utilizada, se constituem como mudanças internas, isto é, fonéticas/fonológicas, semânticas, lexicais, morfológicas, sintáticas e, mudanças externas, como a variação diastrática, variação diatópica e variação diacrônica (processos históricos), que viabilizam recorrências utilizadas na fala comum, a fim de causar no leitor uma sensação

próxima da realidade vivenciada por aqueles que utilizam diversas das palavras explicitadas na obra.

São, por conseguinte, padrões estabelecidos por intermédio do conhecimento linguístico que o escritor tem e valida através da voz dos personagens, dando a estes identidade e contribuindo para preservação da riqueza linguística, em especial a do nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino** (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Editora Catavento, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2017.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: Objetos teóricos**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamu na escola e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 29.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2022.
- CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da língua portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.
- CARVALHO, Márcio Palácios de; BUENO, Elza Sabino da Silva. **Estudo da síncope na proparoxítonas no português falado em Dourados**. Anais do ENIC, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/1125>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- DIDA, Kamilla Silva. **Diferença não é deficiência linguística: o tratamento do rotacismo na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental I**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Sergipe, 2015.
- FERRAREZI, Celso Junior. **Ensinar o brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- GUIMARÃES, E. de S. **Linguagem e identidade nordestina na obra Ciço de Luzia, de Efigênio Moura**. 2017. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- ILARI, R. & BASSO, R. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1994.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

- MARTINS, I. F. M. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionistas e fonológicas. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004. p.55-82.
- MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. São Paulo: Nacional, 1934.
- MOURA, José Efigênio Eloi. **Ciço de Luzia**. 1. ed., 2ª reimpressão: Campina Grande: Latus, 2013.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000. Loyola, 2000.
- NOGUEIRA, Ismael David. SILVA, Armando Honorio da. **Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.
- SANTOS, Denise Salim. **A variação linguística nos textos literários**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/3844>. Acesso em: 06 dez, 2022.
- SANTOS, Rodrigo Agra Dos. **Ciço de luzia: uma proposta de sequencia básica para a eja**. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27275>. Acesso em: 01 out. 2023.
- SILVA, Josinete Maria da. **Literatura e regionalismo em “Ciço de Luzia”**: um estudo analítico. 2017. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2017.